

Recebimento: 29/11/2019

Aceite: 03/01/2021

BEM VIVER COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NO PROGRAMA DE TURISMO DE BASE COMUNITARIA LOS RÍOS, PANGUIPULLI (SUL DO CHILE)

GOOD LIVING AS A MANNER OF RESISTANCE IN THE LOS RÍOS COMMUNITY BASED TOURISM PROGRAMME, PANGUIPULLI (SOUTH CHILE)

Liliane Cristine Schlemer Alcântara¹
Christian Henríquez Zuñiga²

Resumo

Apresentam-se resultados de uma investigação sobre alternativas ao enfoque do desenvolvimento, tendo como protagonismo a concepção andina do Bem Viver (BV). O objetivo deste artigo é realizar uma medição capaz de refletir as distintas dimensões do bem-estar humano a partir do Programa de Turismo de Base Comunitária de *Los Ríos*, sul do Chile. Metodologicamente utilizou-se de pesquisa descritiva-qualitativa e observação participante com aplicação de matriz de indicadores multidimensionais de Bem Viver parametrizados por 17 indicadores, complementários entre o subjetivo-objetivo, analisados por meio do *software* IRaMuTeQ/R, mediados por satisfatores. Os resultados permitem visualizar necessidades e oportunidades, contribuindo com elementos e discussões que levam a compreender a resiliência e a resistência territorial dos povos e das comunidades tradicionais como um dos desafios do século XXI.

Palavras-chave: Bem Viver. Indicadores. Território. Subjetividade.

Abstract

The results of an investigation into alternatives to the development approach, with the Andean concept of Good Living (GL) as the protagonist, are presented. The objective of this article is to make a measurement capable of reflecting the different dimensions of human wellbeing from the Los Ríos Community Based Tourism Program, in the south of Chile. Methodologically, descriptive-qualitative research techniques and participant observation were used, plus the application of a matrix of multidimensional indicators of wellbeing parameterised by 17 complementary indicators among the subjective-objective, analysed through the IRaMuTeQ/R software, mediated by satisfiers. The results allow us to visualize the needs and opportunities, providing elements and discussions that

¹ Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá – MT, Brasil. E-mail: lilianecsa@yahoo.com.br

² Doutorando em Ciências Humanas pela Universidad Austral de Chile (UACH), Professor da Universidade Católica del Maule, Chile. E-mail: christianhen@gmail.com

lead us to understand the resilience and territorial resistance of traditional societies and communities as one of the challenges of the 20th century.

Keywords: Good Living. Indicators. Territory. Subjectivity.

Introdução

Nas décadas de 1980, 1990 e 2010, na América Latina, vários autores começam a questionar o paradigma do desenvolvimento de foco neoliberal. De fato, a década dos anos 1980 é conhecida como a década do desenvolvimento alternativo. Nesse contexto amadurecem teorias e movimentos críticos ao desenvolvimento que reconhecem a existência de uma crise política, ecológica, econômica, social, cultural e institucional com aumento crescente de problemas como deflorestação, desigualdade-pobreza, perda de conhecimentos tradicionais, contaminação dos rios e uso de agrotóxicos (ZIAI, 2007). Surgem várias discussões no campo das críticas ao desenvolvimento como a teoria dos estilos de desenvolvimento alternativo (SUNKEL, 1980); desenvolvimento social e humano da CEPAL (1981), Desenvolvimento à Escala Humana de Manfred Max-Neef, Elizalde y Hopenhayn (1986).

Nos anos 90 e primeiros anos do século XXI, conhecido como os anos das alternativas ao desenvolvimento, surge na Constituição de Monticristi, Equador e na Constituição da Bolívia, um projeto sociopolítico denominado *Buen Vivir/Vivir Bien*, resultando em práticas vivenciais de resistência ao colonialismo em comunidades originais, que se opõem ou se mantêm à margem do sistema liberal capitalista, rompendo com a lógica antropocêntrica, no sentido de privilegiar o Ecocentrismo.

O BV resulta em um princípio voltado à sustentabilidade socioeconômica e ambiental baseada nos direitos da natureza e direitos humanos, resultando em harmonia entre o ser humano e o ser não humano. Desse modo, pressupõem-se estratégias de produção e reprodução de bens baseadas no aprendizado social e solidário pautado na ética, superando os limites do desenvolvimento, garantindo sustentabilidade e equidade social (ACOSTA, 2013), resultado de um processo de resistência. O objetivo deste artigo é realizar uma medição capaz de refletir as distintas dimensões do bem-estar humano, a partir do TBC - Programa de Turismo de Base Comunitária *Los Ríos*, sul do Chile. Utilizaram-se indicadores de Bem Viver analisando satisfatores, permitindo visibilizar as reais necessidades das famílias que compõem o programa.

Este artigo divide-se em seis partes, além desta introdução. Na primeira sessão se faz uma contextualização do tema do BV como significativa alternativa ao desenvolvimento; na segunda aborda-se e apresenta-se um dos territórios do TBC *Los Ríos*, onde é possível constatar conflitos territoriais e sua resistência; na terceira os procedimentos metodológicos; na quarta, analisam-se os resultados da aplicação da matriz de indicadores de Bem Viver; e na quinta, as considerações finais da pesquisa, finalizando-se com referências que embasam o estado da arte.

Bem Viver (BV)

Desde o pensamento latino-americano, faz-se uma crítica ao modelo de desenvolvimento hegemônico de crescimento econômico, por meio da teoria do “Desenvolvimento a Escala Humana” (MAX-NEEF; ELIZALDE; HOPENHAYN, 1986). Seguindo nesta linha, é possível encontrar propostas do BV que se expressam nas constituições do Equador (2008) e Bolívia (2009). No primeiro caso, *Buen Vivir* ou *Sumak Kawsay (quechua)*, no segundo, *Vivir Bien* ou *Suma Qamaña (aymara)*. Apesar de surgir como um conceito político da América Latina, seus princípios são muitos mais antigos na cosmologia de povos originais, como é o caso do *Küme Mognen* (Mapuche/Chile), *nhandereko* em *guarani* (Bolívia e Paraguai), e noções similares como nos *kuna* (Panamá), *achuar* (Amazonia equatorial), *maya* (Guatemala), *chiapas* (México) e outros (ACOSTA, 2015).

Destaca-se que a concepção do BV pode ser constituída por mais dimensões que a clássica tríade social, econômica e ecológica. Admite-se que estas possam ser abrangentes para demandar outras perspectivas adjacentes como os aspectos políticos, institucionais, espaciais, históricos, culturais e outros. Inclusive aspectos muitas vezes considerados não científicos, como

espiritualidade, pertencimento, motivações e afeto, que se encontram respectivamente na relação intradimensional do social e/ou interdimensional do socioecológico por onde perpassam a subjetividade e intersubjetividade humana (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2019; 2020).

Nesse contexto, entende-se que a modernidade e suas colonialidades - do poder, saber e ser - iniciaram a partir de 1492, quando Espanha e Portugal invadiram a América pautados em uma dominação de exploração, definindo a natureza sem considerar a humanidade como parte integral da mesma (QUIJANO, 1997; 2005). Essa prática transformou e (in)visibilizou os conhecimentos e modos de vida das comunidades, mediante a desapropriação, dominação cultural e apropriação de conhecimentos ancestrais (CORREA; MELLA, 2010).

Epistemologicamente “[...] o BV é entendido como um paradigma que compreende um espaço-temporal comum, no qual podem conviver distintas ontologias, na construção de uma interculturalidade que aponte alternativas ao desenvolvimento” (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017, p. 235). Nesse sentido, pode-se distinguir três correntes do Bem Viver: (1) indigenista/*pachamamista*; (2) socialista/estadista e; (3) pós-desenvolvimentista/ecologista (HIDALGO-CAPITÁN; ARIAS; ÁVILA, 2014).

Se de um lado as correntes do BV indigenistas e ecologistas defendem o território, a corrente socialista tem provocado um vazio em seu conteúdo e uma apropriação indébita por parte do Estado em nome do BV, justificando a exploração dos recursos naturais sustentada no consenso dos *commodities* (SVAMPA, 2013), criando vários conflitos entre comunidades originárias e rurais da América Latina. Nesse aspecto, o BV serve de plataforma política com base em diferentes movimentos sociais que articulam demandas sociais e ecológicas baseadas em princípios próprios dos povos originais, para desafiar os fundamentos econômicos e políticos do estado na formulação de políticas de desenvolvimento (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017).

Max-Neef (1995) chamou de “hipótese limiar” a possibilidade de que a partir de certo ponto, o crescimento econômico não traz melhorias na qualidade de vida das pessoas, ou seja, a priori, cuidados como educação, saúde ou restauração ambiental deveriam ter primazia em uma política de governo. O papel do Estado é considerado crucial para facilitar a implantação de políticas socialmente sustentáveis (DEMARIA *et al.* 2013) que vão de encontro ao bem-estar e equidade social por meio modelos de desenvolvimento alternativos como o BV.

Nesse caso, privilegiam-se dimensões ecossocioeconômicas que valorizam preservação das tradições e modos de vida desconectados do consumo; relações sociais mais solidárias; geração de trabalho e renda sob a perspectiva de modos de produção e distribuição mais associativistas; revigoramento dos significados da virtude humana e do próprio Estado, distanciado do racionalismo utilitarista e; utilização adequada dos recursos naturais e das habilidades humanas locais (ALCÂNTARA; GRIMM, 2017). Diante do exposto, o estado da arte do BV valoriza as subjetividades e intersubjetividades de vida dessas comunidades, que guardam saberes ancestrais que podem representar soluções para alguns problemas que afligem o bem-estar humano.

Os enfoques tradicionais de medição do desenvolvimento orientam a enfoques meramente quantitativos-objetivos e unidimensionais, deixando de lado elementos inerentes a uma medição sistêmica, atrelada ao socioambiental, cultural, político, coletivo a que se propõe o *Buen Vivir*, que possui enfoque subjetivo-objetivo, multidimensional e participativo atrelado ao desenvolvimento local (TORTOSA, 2011).

Estes passaram por distintas gerações: a primeira partiu de tradicionais índices de medição (ingresso *per cápita*, PIB), o qual indica que o crescimento é a única forma de desenvolvimento. A segunda, caracterizada pela combinação de indicadores econômicos e sociais, tem ênfase na qualidade de vida e bem-estar. Na terceira, inscreveram-se índices sociais: Índice de Prosperidade (IP), Felicidade Interna Bruta (FIB), Better Life Index (BLI), Índice de Qualidade de Vida Física (ICFV), Índice de Bem-Estar Social (IBS), Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Finalmente na quarta geração, as alternativas ao desenvolvimento (GUDYNAS, 2012), que transitam em uma dimensão social, econômica, ambiental e política que implicam desafios metodológicos importantes como o BV, cujo critério de medição busca refletir satisfatores do desenvolvimento em que prevaleçam a ética do que não é instrumental nem utilitarista, implicando uma ontologia diferente da concepção eurocêntrica predominante.

Conflitos e resistências no TBC Los Ríos

No Chile, desde o período de 1980 (ano da constituição) a economia se caracterizou como neoliberal e extrativista, seguindo a lógica do colonialismo/capitalismo (CUADRA MONTROYA,

2015). Esse tipo de exploração levou a conflitos sociais, ambientais, territoriais, traduzidos em projetos de mineradoras, centrais hidrelétricas, setor pesqueiro industrial e madeireiro, produção agrícola, contaminação das águas, um desses resultados é associado a criminalização dos protestos Mapuche (DE LA CUADRA, 2013).

As privatizações no território resultaram em processos de resiliência e resistência por parte das comunidades Mapuche e chilenas campesinas da agricultura familiar, que, para o caso da comunidade Mapuche compreendem seu território como um domínio ancestral e patrimônio cultural e histórico que é preciso recuperar e revitalizar. Desse modo, o turismo passou a fazer parte das atividades econômicas e visto como possibilidade de venda de serviços ecossistêmicos e proteção do território por meio de rotas para passeios, práticas religiosas e espirituais (HASSEN, 2016; PILQUIMÁN, 2017)). Para Morales (2015), “[...] a compreensão da visão de mundo dos Mapuche, manifesta uma integridade social e cultural, apesar do extenso e intenso período de submissão às pressões de assimilação” (p. 262) (tradução nossa).

Na zona de Panguipulli, registraram-se conflitos recentes de alta intensidade como os ocorridos no projeto hidrelétrico no Lago Neltume e na minicentral Tranguil (Liquiñe); de intensidade baixa como no pantanal Chancafiel (Coñaripe); recuperação territorial por parte da comunidade Mapuche às margens do Lago Calfaquén; e construção de um centro internacional de esqui (Parque Nacional Villarrica) (HAUGHNEY, 2012; CUADRA MONTOYA, 2015; PILQUIMÁN 2016, 2017; MARTÍNEZ NEIRA; DELAMAZA, 2018; TORRES-ALRUIZ, PILQUIMÁN; HENRÍQUEZ-ZÚÑIGA, 2018).

O território da pesquisa fica na região de Panguipulli, sul do Chile. Possui uma superfície de 3.292 Km², dos quais 50% ainda corresponde a bosque nativo conhecido como bosques *templados* com múltiplos ecossistemas. Possui montanhas nevadas formadas por cinco vulcões ao longo de uma rede de rios e lagos (Calafquén, Panguipulli, Pihueico e Neltume) que fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Valdivia (SKEWES; HENRÍQUEZ, 2010). A população total é de 33.273 habitantes, dos quais 10.264 são Mapuche. As atividades econômicas principais são: agricultura, pecuária, caça, silvicultura, extração de madeira, apicultura e artesanato (figura 1).

Figura 1: Território Mapuche



Fonte: Arquivo dos autores

Para Pino, Cardyn e GTP (2014), Panguipulli apresenta processos históricos e culturais únicos, como espirituais (possuem cerca de 29 cerimônias realizadas pelas *Machis*³). Nesse sentido, o território é “um espaço que dá vida, um lugar que dá alimento espiritual e corporal aqueles que a habitam [...]” (p. 195). A cosmovisão Mapuche desconhece a dicotomia homem-natureza, pois se reconhece o ser humano como parte integrante da natureza. Para a cosmovisão Mapuche tudo está relacionado (iltrofilmogñem), homens e mulheres fazem parte do universo, fortalecendo a relação entre humanos e não humanos e seu habitat é baseada na colaboração e solidariedade.

Atualmente o Programa TBC *Los Ríos* é composto por iniciativas em dois municípios, dos 12 que compõem a região *Los Ríos*. O programa Trawun (figura 2) criado em 2013 é uma destas iniciativas, formada por um circuito e uma rota de Turismo de Base Comunitária (TBC) que nasceu de uma proposta conjunta formada por homens e mulheres, com o objetivo de um novo modelo de desenvolvimento territorial contrário a sociedade de consumo (FERNANDEZ; HENRÍQUEZ, 2017). Em 2014 se desenvolve o projeto *PDT Trawun Siete Lagos* que permite articular as iniciativas em uma rota turística e desenvolver uma marca para seu reconhecimento.

Figura 2: Mapa da Ruta y Circuito Trawun



Fonte: <https://www.trawun.cl/mapas/>

Atualmente 46 iniciativas fazem parte do programa de TBC *Los Ríos* “Ruta Trawun”, dentro das quais 40 são familiares e 6 coletivas, pertencentes aos setores de Pucura, Trairaico, Los Cajones, Coñaripe, Liquiñe, Lago Neltume, Pudahue, Panguipulli y Huitag (CONAF, 2007; GOMEZ, 2018). São oferecidas atividades como: feiras, de produtos locais e da agricultura, cavalgadas, gastronomia, vivências interculturais, hospedagem familiar, artesanato, caminhadas, camping, navegação ancestral e outras, permitindo a comunidade reivindicar e manter sua identidade cultural, tornando visíveis ao mundo os conflitos socioambientais existentes no território. Em setembro de 2017 criou-se a Cooperativa de TBC Trawun, destino *Siete Lagos*, como uma das mais grandes do território e primeira na modalidade de TBC no Chile (GÓMEZ, 2018). Em 2018, consolidou-se a proposta para a Zona de Educação para o Ecodesenvolvimento sustentadas em princípios e protocolos de autocertificação para o TBC.

Nesse contexto, o BV traduz o estilo de vida que procura o bem comum da coletividade, ressaltando a harmonia entre todos os elementos da existência: família, comunidade, relações

³ Máxima autoridade espiritual, mediadora entre o mundo natural e sobrenatural.

humanas, terra, trabalho, animais, plantas, abundância, espiritualidade e respeito ao ensino dos antepassados. Dentro dessa cosmovisão, vários projetos se desenvolveram na região, permitindo identificar problemáticas e necessidades das comunidades, possibilitando o encontro de conhecimentos e construção de estratégias conjuntas entre comunidade e pesquisadores.

Procedimentos metodológicos

Metodologicamente, utilizou-se de pesquisa descritiva de cunho qualitativo com observação participante e aplicação da Matriz de indicadores de Bem Viver (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2019; 2020), partindo de uma proposta para fins de diagnóstico, planejamento e avaliação do BV. De maneira didática, desenvolveu-se uma análise de influência de cada indicador a partir da percepção da comunidade de maneira a valorizar a subjetividade intrínseca dos atores sociais quanto aos satisfatores sinérgicos⁴ no atendimento de suas necessidades humanas.

Os indicadores foram divididos em 3 supra-dimensões e 17 dimensões específicas, analisados em 7 (*sete*) categorias que correspondem às questões pessoais (*harmonia consigo mesmo*) - satisfação com moradia, recursos materiais, soberania alimentar, trabalho comunitário, tomada de decisões, crença espiritual, tempo livre, satisfação financeira e pessoal; 8 (*oito*) a questões sociais (*harmonia com a comunidade*) - educação tradicional e formal, acesso à informação, segurança, fatores produtivos, participação social, arranjos sócio-produtivos, participação das mulheres e jovens e uso de medicinas naturais; e 2 (*duas*) integrais (*harmonia com a natureza*) - que medem resultados relacionados com o meio ambiente: sustentabilidade, satisfação, pertencimento e identidade cultural (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2019; 2020).

Realizaram-se encontros com dois grupos representativos: Cooperativa de TBC Trawun e *Lof Marifilo-Epuñanco*⁵, no período compreendido entre agosto e novembro de 2018, em que cada uma das 17 dimensões específicas e seus indicadores foram levantados com 10 representantes, entre eles: *Lonko*⁶, líderes, dirigentes cooperativos, mulheres e jovens. Finalmente realizou-se uma análise multidimensional dos textos por meio do *software* IRaMuTeQ com interface visual ancorada no *software* R, permitindo analisar e realizar uma interpretação textual a partir da identificação do contexto. Selecionaram-se as variáveis que apresentavam uma correlação de satisfatores em categorias que demonstram a satisfação ou não em relação a cada indicador, em que 3 representa o melhor estado (satisfação alta ou satisfeito), 2 o estado intermediário (satisfação média ou indiferente) e 1 o mais baixo (insatisfeito ou muito insatisfeito) representadas em tabelas e gráficos em seus dois extremos.

Resultados e discussões: análise dos indicadores de Bem Viver

Após aplicação da matriz e análise dos dados, pode-se observar a concepção daquilo que a comunidade elege como satisfatores (baixos e altos) desde sua cosmovisão na manutenção socioeconômica e ambiental (análise nos quadros 1, 2 e 3).

⁴ Para Max-Neef (2012), os satisfatores sinérgicos, satisfazem uma necessidade, estimulando e ajudando a satisfazer outras necessidades, gerando bem-estar.

⁵ Comunidade formada por membros da mesma família liderada pelo *lonko*.

⁶ *Lonko*: líder natural ou cacique de um grupo de famílias relacionadas em torno de um antepassado em comum. O cargo representa aspectos políticos, administrativos e religiosos.

Quadro 1: Análise de indicadores de Bem Viver: Pessoal (harmonia consigo mesmo)

Supra dimensões	Dimensões específicas	Grupo 1		Grupo 2	
		Satisfação Baixa	Satisfação Alta	Satisfação Baixa	Satisfação Alta
Pessoal (harmonia consigo mesmo)	(1) Moradia	<ul style="list-style-type: none"> - Divisões do Estado e das Instituições - Recursos para construir - Acesso a moradia digna - Aumento populacional 	<ul style="list-style-type: none"> - Segurança na moradia - Tranquilidade - Trabalhar para si mesmo e não para os outros - Comida Orgânica - Proximidade entre membros da família - Práticas alimentares (soberania e segurança alimentar) 	<ul style="list-style-type: none"> - Desvalorização do território - Mudança de paisagem quando se vendem as terras 	<ul style="list-style-type: none"> - Moradia como lugar de compartilhar - Visita transcendental - Valorização do espaço - Soberania alimentar - Manutenção da cultura - Construções sustentáveis
	(2) Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho extractivista (corte da madeira) - Perda de ofícios tradicionais - Apropriação indevida dos conhecimentos - Regularização das terras - Perda de trabalho coletivo - Comercialização tergiversada 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosto pelo trabalho - Valorização do ofício ancestral - Hortas - Viver e morar no campo - Turismo Rural Comunitário como fator de permanência na propriedade - Trabalho comunitário 	<ul style="list-style-type: none"> - Turismo afetado pela sazonalidade - Discriminação no trabalho - Proibição de venda de produtos na cidade - Falta de oportunidade de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - Trafkintu (Sistema de trocas) - Turismo como fonte de renda - Valorização do território
	(3) Tomada de decisões	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de liderança - Falta de comunicação - Falta de apoio - Falsas lideranças (empoderamento indevido) - Divisão do pensamento ideológico - Setorização territorial que não toma em conta a importância ancestral (Lonko) 	<ul style="list-style-type: none"> - Convênio 169 - Lei Nº 19.253 (declaração dos direitos dos povos indígenas) - Valorização no Lonko ancestral 	<ul style="list-style-type: none"> - O Estado não reconhece a estrutura social do povo Mapuche e o Lonko - Pouca representatividade do povo Mapuche 	<ul style="list-style-type: none"> - O Lonko é respeitado pelo povo Mapuche - Autonomia em nível comunitário e individual
	(4) Religião e crenças	<ul style="list-style-type: none"> - Influência ideológica das igrejas - A não importância da natureza para as Igrejas 	<ul style="list-style-type: none"> - Resgate dos rituais do povo Mapuche - Conexão espiritual e com a natureza - Compreensão espiritual e com a natureza - Renascimento da espiritualidade - (Con)viver com as igrejas 	<ul style="list-style-type: none"> - Igrejas na comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Revalorização da espiritualidade - Entendimento da cosmovisão indígena
	(5) Tempo livre e cultura	<ul style="list-style-type: none"> - Distrações como a televisão - Celular - Falta de território - Falta de um Museu Comunitário 	<ul style="list-style-type: none"> - Interação com o entorno - Compartilhar de histórias ancestrais - Despertar espiritual - Músicas e danças - Tempo de recriar e fazer coisas 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de valorização do espaço 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogos na família - Apreciação da natureza
	(6) Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> - Certificação cara - Exigências legais no tema sanitários - Obrigatoriedade de água potável nas cabanas - Compra de terras por estrangeiros - Agricultura química - Trafkintú (sistema de trocas) institucionalizado 	<ul style="list-style-type: none"> - Trafkintú reativado (troca de sementes e saberes) - Conhecimentos Mapuche - Conhecimentos tradicionais no cultivo de plantas 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há financiamento que permita autonomia - Não há financiamento pelo governo - Mentalidade capitalista 	<ul style="list-style-type: none"> - A natureza oferece tudo
	(7) Emoções	<ul style="list-style-type: none"> - Jovens afetados na cidade - Materialismo como sinônimo de felicidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com a família e amigos - Motivação pessoal boa - Harmonia com os outros - Realização pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> - Materialismo que vem com o capitalismo 	<ul style="list-style-type: none"> - Felicidade por viver no território - Tranquilidade

Fonte: Com base na Matriz de Indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020)

Quadro 2: Análise de indicadores de Bem Viver: Social (harmonia com a comunidade)

Supra Dimensões	Dimensões Específicas	Grupo 1		Grupo 2	
		Satisfação Baixa	Satisfação Alta	Satisfação Baixa	Satisfação Alta
Social (Harmonia com a Comunidade)	(8) Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino estandardizado da história - Materialismo - Desvalorização de elementos culturais - Colégios católicos - Educação desconectada com o entorno - Falta educação voltada a saberes tradicionais do povo Mapuche - Falta de uma escola na comunidade - Não se ensina o respeito a natureza - Apropriação indevida do conhecimento Mapuche 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino da relação com a natureza pelo povo Mapuche - Recuperação da língua nativa na comunidade - Subsídio ao conhecimento tradicional - Formação de jovens para manter a tradição e conhecimentos tradicionais - Educação intercultural e bilingue em algumas escolas - Saberes transmitidos de geração em geração 	<ul style="list-style-type: none"> - Não se aprende Mapusungun nas escolas (língua nativa) - Poucos falam a língua nativa - Não há escola e /ou Universidade Mapuche 	<ul style="list-style-type: none"> - Se comparte o conhecimento - Conhecimento ancestral revalorizado
	(9) Tecnologias da Informação e Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - A televisão na comunidade - Uso excessivo da tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso a informação - Difusão da realidade local - Documentação da realidade Mapuche - Divulgação dos conflitos que passam o povo Mapuche 	<ul style="list-style-type: none"> - Com a tecnologia se dialoga menos 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de tecnologia facilita o turismo
	(10) Fatores Produtivos	<ul style="list-style-type: none"> - Direitos privados sobre a água - Apropriação indevida do território - Não respeito as leis e tratados - Comercialização deficiente - Não valorização aos produtos orgânicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Feiras de Troca - Turismo de Base Comunitária - Produção de subsistência - Venda de geleias, artesanato, turismo, gastronomia, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Extrativismo - Venda de artesanato por terceiros - Intervenção assistencialista - Sementes transgênicas - Arrendamentos de terras do povo Mapuche 	<ul style="list-style-type: none"> - Artesanato e turismo ativados - Soberania alimentar
	(11) Participação Social	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de espaço para a socialização - Pouca participação social da comunidade - Não há participação política do povo Mapuche na política - Falta de liderança que tem o reconhecimento do grupo - Central hidrelétrica: pouca oposição dos moradores - Divisão da comunidade - Falta de empoderamento 	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperativa de Turismo de Base Comunitária Trawun - Desenvolvimento social, econômico, ecológico, turístico e cultural - Princípio social e solidário 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca participação da comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperativa de Turismo de Base Comunitária Trawun serve para vincular os jovens - Rede de intercâmbios dos povos de Norte a Sul
	(12) Família	<ul style="list-style-type: none"> - Menos trabalho coletivo entre as famílias - Processos de migração desde o campo até a cidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho coletivo da família - Trabalhos coletivos - Solidariedade 	<ul style="list-style-type: none"> - Êxodo de jovens 	<ul style="list-style-type: none"> - A família representa segurança - A família é um espaço para aprender
	(13) Segurança	<ul style="list-style-type: none"> - Ideologia racista e classista no Chile - Perseguição das forças armadas e carabineiros 	<ul style="list-style-type: none"> - Sem risco de assaltos - Tranquilidade de viver - Direito a terra e a cultura 	<ul style="list-style-type: none"> - Insegurança política nas leis - Perseguição militar e policial 	<ul style="list-style-type: none"> - Segurança na comunidade
	(14) Relações de Gênero e Jovens	<ul style="list-style-type: none"> - Influências ideológicas machistas após a guerra - Migração dos jovens 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação das mulheres nas decisões 	<ul style="list-style-type: none"> - Em torno de 65% do povo Mapuche vivem nas cidades - Jovens não querem voltar ao território 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação dos jovens e mulheres no turismo
	(15) Saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Índices de alcoolismo - Consultórios: atendimento ruim - Se obriga a clorar a água na comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de plantas medicinais - Medicina intercultural (Imperial, Makewe/Araucania) - Hospitais Mapuche - Práticas de los Machi que curam a alma e o corpo 	<ul style="list-style-type: none"> - Não se respeita a medicina Mapuche 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de plantas medicinais na comunidade

Fonte: Com base na Matriz de Indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020)

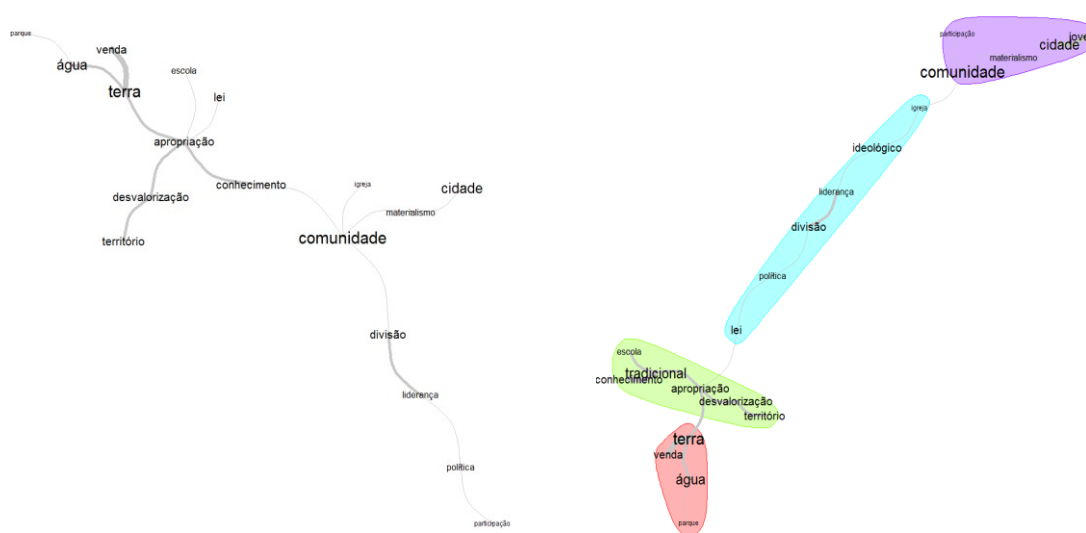
Quadro 3: Análise de indicadores de Bem Viver (harmonia com a natureza)

Supra Dimensões	Dimensões Específicas	Grupo 1		Grupo 2	
		Satisfação Baixa	Satisfação Alta	Satisfação Baixa	Satisfação Alta
Integral (harmonia com a natureza)	(16) Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> - Concessão dos Parques a particulares - Indústria florestal e suas derivações - Privatização da água - Privatização dos Parques - Retirada das árvores para lenha - Falta de manejo sustentável dos Parques 	<ul style="list-style-type: none"> - Práticas de compostagem e reciclagem - Hortas circulares - Uso de plantas medicinais - Plantio de plantas medicinais - Plantio de frutas nativas nos quintais 	<ul style="list-style-type: none"> - Desflorestação - Muito lixo nos rios e encostas - Mudanças dos ciclos naturais - Conflitos pela posse da água - Centrais hidrelétricas 	<ul style="list-style-type: none"> - Consciência com a natureza por meio do Turismo - Apreciação da natureza - Compostagem - Hortas orgânicas
	(17) Pertencimento	<ul style="list-style-type: none"> - Invasão turística - Invasão imobiliária - Planos de urbanização - Leis nacionais - Patentes indevidas do território - Perda da identidade com a perda dos conhecimentos tradicionais 	<ul style="list-style-type: none"> - Harmonia com a natureza - Aproveitamento integral das sobras - Identidade preservada - Preservação da cultura - Entorno relacionado com a identidade cultural 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta recuperar o Kume Mogen (Bem Viver) 	<ul style="list-style-type: none"> - Identidade fortalecida por meio do Turismo

Fonte: Com base na Matriz de Indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020)

Em seguida, desenvolveu-se uma análise de similitudes e suas interfaces por meio de satisfatores baixos (figura 3 e 4).

Figura 3 e 4: Análise de Similitude - Apresentação Fruchterman Reingold, Escore Cocorrência com Comunidades e Halo – Satisfatores Baixos



Fonte: construção da autora (IRaMuTeQ/R)

A primeira análise destaca os principais satisfatores baixos, relacionados com os indicadores de “fatores produtivos”, “ambiente” e “habitação”, associados aos impactos resultantes da venda e apropriação indevida do território, privatização da água, centrais hidrelétricas e concessão de terras para parques privados. Essas ameaças estão modificando a paisagem e introduzindo hábitos capitalistas - como uso de agroquímicos e sementes transgênicas no plantio. Ao mesmo tempo, a falta de financiamento para compra de insumos e exigência de certificação na venda de produtos orgânicos impossibilita sua comercialização.

Outro ponto central de discussão remete à limitada participação comunitária nos indicadores “tomada de decisões” e “participação social”. Apesar desse entrave, em 2017 criou-se a Cooperativa de TBC Trawun e associações como a *Asociación de Pequeñas Agricultoras y Artesanas de Pocura*, *Agrupación de Mujeres Manos de la Cordillera de Liquiñe* e outras, que apesar de tímidas, vem fortalecendo processos de autogestão e empoderamento. A autoridade do *Lonko* diminuiu, resultado da setorização do pensamento ideológico. Igualmente, o Estado na formulação de políticas públicas

relacionadas ao território, não respeita esta autoridade, fortalecendo os conflitos existentes com a comunidade. Para os jovens Mapuche: "Os representantes do governo deveriam participar mais das conversações".

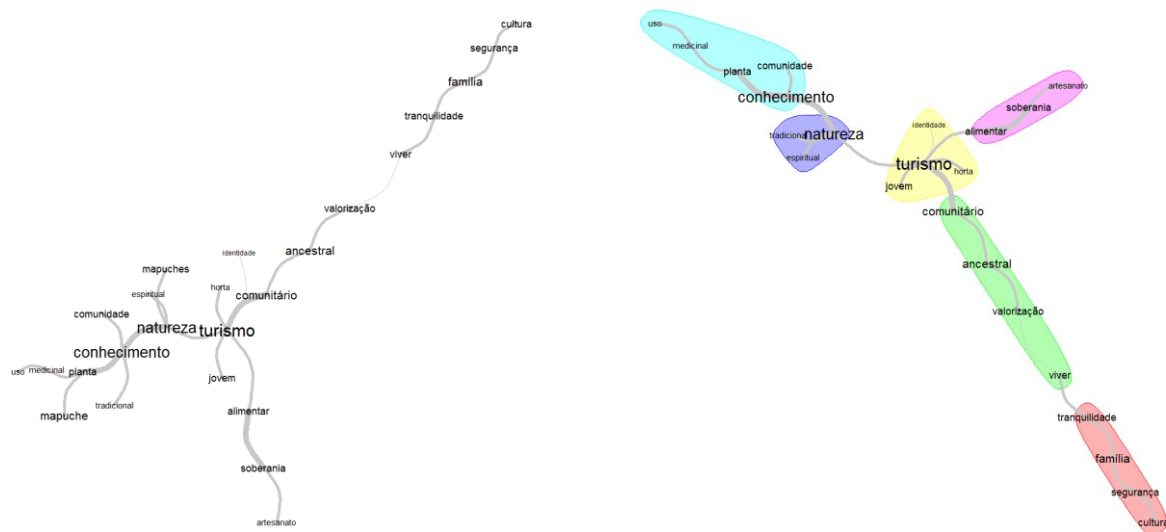
No indicador "educação", o conhecimento tradicional está ameaçado pela ideologia do currículo formal. Para uma liderança: "Não se ensina a respeito da natureza na escola e a base da educação está nas crianças". Os jovens se deslocam para a cidade mais próxima para estudar em escolas que não possuem conhecimento intercultural. Alguns membros da comunidade participam do Programa Educação Intercultural Bilíngue – MINEDUC, como em algumas universidades, desenvolvendo trabalhos de pesquisa e docência, o que representa um avanço.

A aquisição de habilidades para emancipação do pensamento e qualidade de vida nas escolas tradicionais se traduz pela oportunidade de preservação da língua nativa *mapudungun*. Para uma jovem: "Minha mãe passou por uma escola católica e as monjas não deixavam falar a língua e ela não quis que os filhos passassem por isso e não nos ensinava". Percebe-se uma mobilização da comunidade para resgatar a língua e preservar os costumes, fazendo com que a dinâmica de transformações que hoje ocorrem na comunidade permita retornar ao *Küme Mognen*. Para um *lonko*: "De pouco em pouco está se recuperando a língua tradicional".

No indicador "religião e crenças" percebe-se a forte influência das Igrejas católicas e evangélicas na comunidade, proibindo rituais culturais e ameaçando saberes ancestrais. A compreensão da visão de mundo dos Mapuche é manifestada pela integridade social e cultural, reforçada pelos costumes e tradições repassada de pai para filho, mas que pode ser posta em risco pela fragmentação do ensino e dos rituais. A espiritualidade é fundamental na vida dos Mapuche. Para um membro da comunidade: "Meu território está ligado ao espiritual, ao *lonko* político e ancestral". O núcleo familiar teve que se adaptar às mudanças ambientais, produtivas, sociais e econômicas pautadas na subordinação e exclusão sistêmica ocorridas ao longo dos anos. A transformação produtiva do território, trabalho assalariado e escolarização são fatores que transformaram as práticas quotidianas das famílias, antes centradas na criação de gado (LLANQUILEO, 2011) e hoje nas atividades de turismo.

No item "relações de gênero e jovens", o êxodo é resultado do extrativismo no território e da falta de oportunidade de trabalho e renda e na dificuldade em conseguir financiamentos levantada também pelos indicadores "trabalho" e "recursos materiais". Na cidade, os jovens se deparam com a discriminação social e racial, aumentando o índice de depressão e alcoolismo. Para uma entrevistada: "Os jovens saíram e voltaram, porque estavam morrendo psicologicamente nas cidades". Posteriormente, analisaram-se as similitudes e suas interfaces por meio de satisfatores altos (figuras 5 e 6).

Figura 5 e 6: Análise de Similitude – Análise de Similitude - Apresentação Fruchterman Reingold, Escore Cocorrência com Comunidades e Halo – Satisfatores Altos



Fonte: construção da autora (IRaMuTeQ/R)

De outro lado, os satisfatores altos, demonstram nos indicadores “pertencimento”, “família”, “tempo livre/cultura” e “emoções”, a importância do conhecimento, natureza e valorização do território associado diretamente com o turismo. Na concepção de um jovem: *"Temos que proteger nosso espaço para as futuras gerações"*. Além de proporcionar aumento de trabalho e renda, o turismo está trazendo os jovens de volta ao território, que buscam na comunidade maior segurança e tranquilidade, associado à qualidade de vida e bem-estar. Para uma jovem: *"O 'Kume Mognen' é muito importante para nós"*.

Nos indicadores “fatores produtivos” e “ambiente”, percebeu-se o retorno à prática da agricultura de subsistência, por meio de técnicas agroecológicas, como compostagem e hortas de cultivo orgânico associado ao uso de plantas medicinais. No que tange à “saúde” existe um hospital que possui um espaço de atendimento destinado à comunidade Mapuche, onde a *machi* utiliza ervas e plantas medicinais, preservando e respeitando a medicina indígena e conhecimento tácito. Alguns membros da comunidade participam em entidades do aparato político-administrativo, entre elas o CONADI - Programa Mapuche de Serviço de Saúde. Outra questão importante é a volta do sistema de trocas (*trafkintú*) fundamental para a preservação de sementes crioulas e de produtos tradicionais. Frente à ameaça das centrais hidrelétricas e do desmatamento a comunidade oferece passeios guiados nos parques e lagos, fortalecendo o processo de preservação ambiental e resistindo de forma pacífica. Nesse sentido, remete-se a Gudynas (2011, p.231), referindo-se a *“uma nova forma de conceber a relação com a natureza de maneira a assegurar simultaneamente o bem-estar das pessoas e a sobrevivência das espécies de plantas, animais e dos mesmos ecossistemas”*. Para um líder, no que diz respeito à natureza, *“se respeita integralmente sua existência ou manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos”*.

No indicador “relação de gênero e jovens” ressaltam-se as transformações ocorridas, pois antes da guerra de Arauco⁷ as mulheres e homens tinham os mesmos direitos, após a guerra a sociedade tornou-se mais machista. No relato de um ancião: *"Na guerra de Arauco houve uma transição na base espiritual, antes não se vinculava que um era maior que outro, a influência espanhola mudou isto"*. Essas questões estão se revertendo por meio das associações e da Cooperativa, nas quais as mulheres e os jovens ocupam funções de liderança. Para os jovens a opção de voltar a viver na comunidade é motivada pela possibilidade de convívio com a família e natureza: *"Tomei a decisão de ficar no campo, não tenho dinheiro, porém tenho minha horta e tranquilidade, agora estou feliz"*. Percebe-se que a felicidade está associada ao bem-estar individual e comunitário.

Considerações finais

Os resultados da medição do bem-estar humano por meio de indicadores de Bem Viver refletem as especificidades territoriais, sociais, ecológicas e culturais, cuja proposta teórica se baseia em uma concepção holística que se compõe de uma série de direitos sociais, econômicos, políticos, de liberdade, ambientais e coletivos. Desse modo, compreende-se que o território, ameaçado pela entrada do extrativismo, demonstra resiliência e resistência aos processos capitalistas e produtivistas, ou seja, a comunidade Mapuche possui uma filosofia de vida, pautado no ideal do BV, que prioriza acesso aos direitos sociais e econômicos, apesar da distância entre as ações planejadas pelo Governo e o que a comunidade realmente necessita.

Percebe-se que a medição do BV pode contribuir com a elaboração de políticas públicas aplicadas a comunidades indígenas e ao mesmo tempo, acolher a subjetividade nos processos de planejamento, a fim de estabelecer conexões com os diversos organismos públicos e privados que intervêm no território. Por meio da coletividade pode-se obter soluções que não modifiquem usos e costumes afetando a satisfação das pessoas, respeitando seus contextos e sua cultura. A cosmovisão do povo Mapuche presente no programa TBC *Los Ríos*, apresenta um horizonte que vai além do tradicional paradigma de desenvolvimento, pois aposta na concepção da pobreza e da riqueza que não se reduz à acumulação de bens materiais, mas a uma economia que compreende seus efeitos sobre a natureza, centrada na satisfação das necessidades humanas coletivas e na decolonização dos saberes.

Na concepção comunitária é necessário fortalecer o verdadeiro significado do *Küme Mognen*, recuperando a identidade cultural e sentimento de pertencimento. Para Morales (2015), a identidade cultural neste caso é reforçada “[...] desde a delimitação de propriedades familiares e comunitárias

⁷ Guerra travada entre espanhóis e povo Mapuche que teve seus maiores combates entre 1550 e 1656. Esta guerra terminou somente em 1881.

[...] no sistema econômico baseado nas relações de parentesco e de cooperação [...] nas diversas vias ritualizadas da transmissão oral do conhecimento” (p. 262-263). Neste sentido, Nussbaum (2012) incorpora uma dimensão coletiva, combinando processos individuais a oportunidades coletivas, estabelecendo um vínculo entre pessoa e sociedade.

Quando se pensa em uma nova ética ambiental, se remete ao BV, baseando-se nos direitos e valores intrínsecos da natureza e da Terra, *iltrofilmogñem em mapunzungum*. Apesar da indiferença frente à crise ambiental presente no mundo globalizado e a reflexão sobre a dificuldade de estabelecer formas de vida mais harmônicas entre o ser humano e dele com a natureza, para o povo Mapuche, as práticas ancestrais que se realizam ao longo dos séculos representam um espaço de reprodução de vida que implica uma relação com o mercado que transcende o plano individual como propõe o neoliberalismo.

A identidade do povo Mapuche, não é estática, ela é dinâmica e está sendo construída a partir dos elementos evidenciados nos discursos da comunidade por meio da visão e da prática de fazer uso de seu entorno ambiental de forma sustentável, tornando o espaço territorial parte de sua identidade, formando signos com significados culturais, por meio da cooperação, seja familiar ou comunitária, desde sua cosmovisão, transmitida oralmente por meio do exercício diário dos saberes e fazeres. Dessa forma, espera-se com esses aportes “surpreender e incomodar”, como afirma Pedro Cayuqueo (2017), para estar “[...] um passo mais perto daquela velha utopia libertária Mapuche. Aquela de construir um mundo onde caibam muitos mundos”.

Agradecimentos

Programa TBC *Los Ríos*; *Lof Marifilo-Eupuñanco*. Prof. Manfred Max-Neef (*in memoriam*). Magíster en Desarrollo a Escala Humana y Economía Ecológica (MEDEH) e RLC – Right Livelihood College - (UACH)

Referências

ACOSTA, A. *Buen Vivir: Sumak Kawsay uma oportunidade para imaginar otros mundos*. Barcelona: Icaria, 2013.

ACOSTA, A. El buen vivir como alternativa al desarrollo: algunas reflexiones económicas y no tan económicas. *Política y Sociedad*, 52 (2). July 2015.

ALCÂNTARA, L. C. S.; GRIMM, I. J. A Ecosocioeconomia e o Bem Viver na perspectiva do Urbano. *Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society*. v. 3, ed. especial, out 2017.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 40, abril 2017. p. 231-251.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. *Bem viver e ecosocioeconomias*. Cuiabá: EdUfmt, 2019.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 53, p. 78-101, jan./jun. 2020. DOI: 10.5380/dma.v53i0.62963.

CAYUQUEO, P. *História secreta Mapuche*. Santiago de Chile: Catalonia, 2017. 372 p.

CEPAL. *Comisión Económica para América Latina y el Caribe*. América Latina en la Nueva Estrategia Internacional del Desarrollo (metas y objetivos). *El Trimestre Económico*, 48 (190-192), 1981. p. 444-476.

CONAF. *Documento base para la incorporación del territorio andino de la región de Los Lagos a la red mundial de Reservas de Biosfera*. Programa MAB – UNESCO, abril 2007.

CORREA, M.; MELLA, E. *Las razones del "illkun"/enojo*. Memoria, despojo y criminalización en el territorio mapuche de Malleco, Santiago, Lom Ediciones y Observatorio de Derechos de los Pueblos Indígenas, 2010. 320 p.

CUADRA MONTOYA, X. Conflictos ambientales en territorios indígenas y el rol de la reivindicación por el consentimiento libre, previo e informado: un análisis del caso Neltume en Chile. *Justiça do Direito*, v. 29, n. 2, p. 294-312, 2015.

DEMARIA, F.; SCHNEIDER, F.; SEKULOVA, F.; MARTINEZ-ALIER, J. What is Degrowth? From an Activist Slogan to a Social Movement. *Environmental Values*. 22, p. 191-215, 2013. Disponível em: <https://co-munity.net/de/file/1058>. Acesso em: 28 out. 2019.

DE LA CUADRA, F. Cambio climático y conflicto socioambiental. Apuntes sobre el antagonismo entre el pueblo Mapuche, el Estado chileno y las empresas. In: POSTIGO, J. C. (ed.). *Cambio climático, movimientos sociales y políticas públicas. Una vinculación necesaria*. Santiago de Chile: CLACSO. Instituto de Ciencias Alejandro Lipschutz. ICAL, 2013. p. 218-238.

FERNANDEZ, M.; HENRÍQUEZ, C. *Turismo de Base Comunitaria y Redes a Escala Humana*. Paraná, Brasil: II Simposio Brasileiro de Desenvolvimento Territorial Sustentavel, 2017.

GÓMEZ, L. M. R. Modos de vida, artes y oficios: *el desarrollo a escala humana en el accionar pedagógico de la Ruta Trawun*. Tesis de Magíster. Desarrollo a Escala Humana y Economía Ecológica (MEDEH) - Facultad de Ciencias Económicas y Administrativas de la Universidad Austral de Chile (UACH), Valdivia, Chile, 2018.

GUDYNAS, E. *Tensiones, contradicciones y oportunidades de la dimensión ambiental del Buen Vivir*. La Paz: 2011.

GUDYNAS, E. Debates sobre el desarrollo y sus alternativas. *En América Latina: una breve guía heterodoxa*. Quito: 2012.

HASSEN, F. *Gobernanza sobre servicios ecosistemicos a escala local: caso de estudio sobre la provisión de agua en la Región de los Ríos, Panquipulli*. Valdivia, Chile: Tesis de magister, Universidad Austral de Chile, 2016.

HAUGHNEY, D. Defending territory, demanding participation: Mapuche struggles in Chile. *Latin American Perspectives* 39 (4), p. 201-217, 2012.

HIDALGO-CAPITÁN, A., ARIAS, A.; ÁVILA, L. El pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay. En A. Hidalgo-Capitán, A. Guillén, & N. Déleg, *Antología del Pensamiento Indigenista Ecuatoriano*. Huelva y Cuenca, 2014. p. 29-74.

LLANQUILEO, C. R. *Familia y cultura Mapuche: aportes para un enfoque intercultural en los programas de infancia*. UNICEF. Santiago, noviembre 2011.

MARTÍNEZ NEIRA, C.; DELAMAZA, G. Coaliciones interétnicas, framing y estrategias de movilización contra centrales hidroeléctricas en Chile: ¿Qué podemos aprender de los casos de Ralco y Neltume? *Middle Atlantic Review of Latin American Studies*, 2 (1), p. 68-96, 2018.

MAX-NEEF, M., ELIZALDE, A., & HOPENHAYN, M. *Desarrollo a Escala Humana: Opciones para el futuro*. Santiago de Chile, 1986.

MAX-NEEF, M. Economic growth and quality of life: a threshold hypothesis. *Ecological economics*, 15, p. 115-118, 1995.

MAX-NEEF, M. *Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores*. Tradução de: Rede Vida – Blumenau: EdiFurb, 2012, 108 p.

MORALES, R. Praxis política Mapuche en Chile contemporáneo. En: PINOL, Andrea Bazzi (org). *Democracia versus neoliberalismo: 25 años de neoliberalismo en Chile*. Fundación Rosa Luxemburgo. CLASCO. Santiago de Chile: Editora Andrea Pinol Bazzi, 2015.

NUSSBAUM, M.C. *Las fronteras de la justicia: consideraciones sobre la exclusión*. Barcelona: Paidós, 2012.

PILQUIMÁN, M.V. El turismo comunitario como una estrategia de supervivencia. Resistencia y reivindicación cultural indígena de comunidades Mapuche en la Región de los Ríos (Chile). *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 25, n. 4, p. 439-459, 2016.

PILQUIMÁN, M.V. Comunidades indígenas Mapuche en la Región de los Ríos en Chile. Geopolítica(s) *Revista de Estudios Sobre Espacio y Poder*, v. 8, n. 1, p. 11-28, 2017.

PINO, A. P.; CARDYN, P. D.; GRUPO DE TRABAJO PANGUIPULLI (GTP). La Reserva de la Biosfera de los Bosques Templados Lluviosos de los Andes Australes y las singularidades territoriales de la comuna de Panguipulli. In: MOREIRA-MUÑOZ, Andrés; BORSDORF, Axel (ed.). *Reservas de la Biosfera de Chile*. Laboratorios para la Sustentabilidad / Santiago, 2014, 322 p.

QUIJANO, A. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. *Anuário Mariateguiano*, Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

QUIJANO, A. Don Quijote y los molinos de viento en América Latina. *Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*, Buenos Aires, v. 4, n. 14, enero/marzo 2005.

SUNKEL, O. Introducción. La interacción entre los estilos de desarrollo y el medio ambiente en América Latina. In: SUNKEL, O.; Giglio, N. (comp.). *Estilos de desarrollo y medio ambiente en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980. p. 9-64.

SVAMPA, M. Consenso de los commodities y lenguajes de valoración en América Latina. *Revista Nueva Sociedad*, 244, p. 30-46, 2013.

TORREZ-ALRUIZ, M. D.; PILQUIMÁN, M. V.; HENRÍQUEZ-ZÚÑIGA, C. *Resilience and community-based tourism: Mapuche experiences in pre-cordilleran areas (Puyehue and Panguipulli) of Southern Chile*. [Social Sciences](#), v. 7, 2018, 249.

TORTOSA, J. M. Vivir bien, buen vivir: caminar con los dos pies. *Obets*, v. 6, n. 1, p. 13-17, 2011.

ZIAI, A. The ambivalence of post-development: between reactionary populism and radical democracy. In: ZIAI, Aram (ed.). *Exploring post-development: theory and practice, problems and perspectives*, Londres: Routledge, 2007. p. 111-128.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.